Espécie cuja subsistência o homem assegura por afectos simbólicos e tradição, os pombos citadinos entretêm mais novos e mais velhos, humanizando as cidades. ¬ Mas a dimensão excessiva das suas populações nas cidades (o que também se deve à acção clandestina de quem os alimenta) é pomo de discórdia entre vizinhos e um bico-de-obra para a maioria das câmaras municipais. ¬ Considerados pragas, os pombos são alvo de uma permanente política de controlo. ¬ Uma política inevitavelmente musculada, já que se trata de enfrentar a acção e as convicções de um vasto grupo de pessoas. ¬ Fomos ver como é em Lisboa.

Pombos da discórdia

TEXTO **Sarah Adamopoulos** ¬ FOTOGRAFIA **Reinaldo Rodrigues**

São pombos da discórdia estes que partilham connosco o espaço da cidade. Discórdia entre quem gosta deles e quem nem por isso, entre quem clandestinamente os alimenta e quem tem a nem sempre fácil tarefa de lhes controlar os movimentos, sob pena de não conseguir controlar-lhes a população. Não podem ser demasiados, caso contrário transformam-se em poderosos agentes patogénicos (para nós como para eles) e destroem o património edificado e os monumentos. Mas há muito quem não queira saber disso e finte com requintes de contumaz malvadez a acção dos técnicos camarários incumbidos de manter aceitáveis os níveis reprodutivos dos pombos – do ponto de vista da higiene urbana e da saúde pública. Muitas vezes gente mais velha, nascida e criada no Portugal dos bons e virtuosos sentimentos, e para quem alimentar os pombos nunca será um delito, antes um dever cristão que não se questiona. Ou então gente desocupada, com tempo para gastar em causas de utilidade discutível para outros tantos.

Guerrilha

Alguns reciclam o pão duro lá de casa, que mais ou menos dissimuladamente lançam nas praças, jardins, passeios (entre estes, há também quem – quase sempre mulheres – nem sequer se dê ao trabalho de sair de casa e lance o alimento directamente da janela ou da varanda). Outros compram milho, por vezes privando-se, cometendo imprudências orçamentais, porém sem reservas entregando-se àquela que é nalguns casos a única benfeitoria que a solidão lhes concede. Outros ainda organizam-se segundo princípios de guerrilha, passam de carro, umas horas antes do pessoal da câmara, e lançam as suas bombas de milho ou trinca de arroz. Obstinam-se nos pombos como outros na guerra conjugal, no álcool, nos comprimidos, na fé, no jogo. Fazem inimigos entre os vizinhos e comerciantes revoltados com a visão dos carros e das caixas externas dos ares condicionados constantemente conspurcados pelas fezes dos pombos. Regularmente abordados pela polícia municipal, por vezes pagam multas mas, incorrigíveis, persistem cheios de resistência. Uma coisa é certa: há entre estes oponentes uma guerrilha constante nas ruas de Lisboa. Uma luta que se faz de perseguições e denúncias, e sempre de animosidade, como pudemos constatar pelas conversas com uns e com outros, que entretanto preferem não aparecer (nem uns nem outros), imbuídos daquele medo antigo que por princípio desconfia da liberdade de expressão. Comportamento que também observámos por parte de comerciantes e proprietários de edifícios, que nos negaram por exemplo o direito de fotografar as redes improvisadas com que cobrem as caixas dos ares condicionados. Assaz eloquentemente, este trabalho não terá por isso o rosto dos implicados no conflito.

Controlo de pragas

Uma lei proíbe que se atraiam «animais errantes com alimento na via pública». Mas quem alimenta os pombos não quer saber dessa lei, apesar de a sua infracção estar sujeita a coima. Não podem portanto ser demasiados – é este o axioma irrebatível – e por isso é preciso manter o constante equilíbrio da espécie. Desprovidos de predadores, os pombos que habitam as cidades, espécie que se reproduz com impressionante taxa de sucesso (consequência também da disponibilidade constante de alimento), precisam de ser controlados. Em Lisboa, os serviços municipais de controlo de pragas asseguram diariamente um programa de alimentação, que passa também pela habituação a um tipo de milho que torna as aves menos férteis. Programa que contempla mais de uma centena de *spots* considerados problemáticos, cobrindo diferentes zonas da cidade. Locais que correspondem a colónias aí fixadas pela acção de quem alimenta os pombos. Locais onde os serviços camarários intervêm, distribuindo anualmente perto de uma centena de toneladas de milho simples (todos os dias com excepção dos domingos e feriados), e aí depositando também milho com contraceptivo (em períodos específicos, correspondentes às alturas de postura), fundamental para o controlo de uma população sempre à beira do desaire ecológico.

Etelvina contra a fome

Quem insiste em alimentar os pombos diz que o faz porque andam esfomeados, porque o milho simples fornecido pela câmara não chega, porque eles (os pombos) não gostam do milho com contraceptivo, que não alimenta, que tem mau sabor, porque aos animais, como aos velhos e às crianças, não se nega nem alimento nem carinho. Razões legítimas, para uns, porém delirantes, para outros. Para Etelvina (nome fictício), alimentadora militante de pombos numa zona considerada problemática da cidade de Lisboa, a questão é muito simples: os bichos têm fome e por isso é preciso agir sem reservas. Agir contra a fome (trauma português cujas várias e possíveis representações simplesmente não se toleram), agir em nome da vida. Porque afinal, quando Deus criou a Terra, pôs lá pombos também. Etelvina compra milho com regularidade, que distribui diariamente, e só assim pode dormir descansada, fiando que os bichos andam nutridos.

Resistir é vencer

Não quis que gravássemos nenhuma conversa, muito menos que a fotografássemos. Prefere prosseguir a sua acção caridosa na sombra. Antes de nos despedirmos pergunta-me de que lado estou: se do lado dos pombos se do da câmara, como se falássemos de um clube ou de outro, de um ou de outro partido, desta ou daquela causa. Pergunta-me de que lado estou como se me perguntasse se tenho coração. Respondo que a minha opinião importa pouco, mas que seria bom que a dela, que está objectivamente implicada, pudesse ter o seu nome e o seu rosto nesta reportagem, assumindo-se sem receios. Mas isso é que não pode ser, porque há muitos que lhe querem mal, e por isso é melhor não. Etelvina surge como uma espécie insuspeita de terrorista, agindo em nome próprio contra uma política camarária que apesar de inevitável lhe parece a ela gravemente errada, merecendo por isso o seu combate perseverante.

Lisboa é um pombal

Ninguém duvida de que há pombos em toda a parte, embora muitos andem distraídos. Contudo, basta olhar melhor para cima para descobrir uma cidade coberta de rede e picos dissuasores. Lisboa é para os pombos uma cidade acolhedora, de arquitecturas redondas, cheia de bolsas, parapeitos largos, saguões, telheiros, casas e armazéns abandonados, janelas partidas. Mas a verdade é que actualmente a presença dos pombos excede em muito esses locais, sendo possível avistá-los em vários outros lugares, caso do terminal de autocarros de passageiros em Sete Rios, onde antes da colocação de picos os pombos tomavam sem constrangimentos as suas refeições ao lado dos passageiros. Muitos guardarão na memória a visão da cafetaria do terminal constantemente invadida pelas aves que permanentemente se lançavam sobre os restos de sanduíches, bolos, iogurtes, galões, pacotes de açúcar, ali deixados por passageiros apressados.

Pólos de contaminação

Nos cursos de museologia e conservação de património, áreas distantes da veterinária, os pombos são estudados em aulas ditas de conservação preventiva. Um único pombo produz anualmente cerca de 12 quilos de fezes, que larga pelo menos de vinte em vinte minutos, onde quer que se encontre, e também enquanto voa. Entre alguns dos principais males provocados pela presença dos pombos nas cidades contam-se febres, mial-

Perigo Um único pombo produz anualmente 12 quilos de fezes que larga de vinte em vinte minutos. E podem causar febres, mialgias, carraças, ectoparasitas, meningites, esporos...

CLÉMENT DARRASSE

Pombal na Praça Martim Moniz.

CLÉMENT DARRASSE

Vítor Malha comercializa e instala em todo o país equipamentos de dissuasão de poiso dos pombos.

gias, carraças, erupções cutâneas, ectoparasitas, irritações cutâneas várias, meningite, esporos, criptococose, histoplasmose... Os ninhos dos pombos entopem canalizações e condutas de água, corroem os materiais, atraem insectos e actuam como chamariz para outras pestes. Num só ninho: 10 traças, 43 aranhas *Niptus hololeucus (golden spider beetles)*, 15 escaravelhos-das-despensas *(larder beetles)*.

Ninhos
Entopem canalizações e condutas de água, corroem os materiais, atraem insectos e actuam como chamariz para outras pestes.

Sol, alimento e ausência de predadores

Vítor Malha comercializa e instala em todo o país (continente e ilhas) equipamentos de dissuasão do poiso dos pombos desde 1997, altura em que deixou de trabalhar na área dos seguros para se dedicar em exclusividade a um negócio que será tanto mais florescente quantos mais pombos houver. E como pombos a fazer estragos por todo o lado é o que não falta, Vítor Malha parece não ter mãos a medir. «O que se passa em Portugal é que o número de dias de sol por ano determina que os pombos se reproduzam com uma maior rapidez do que noutros países. Chegam a ter cinco ou seis posturas de ovos num ano. Por outro lado, como as pessoas os alimentam, eles tornaram-se sedentários, e por isso não saem das zonas onde estão. Procuram refúgio em locais onde se podem esconder para nidificar, fixando-se em colónias que não param de crescer. Se as pessoas parassem de os alimentar, eles seriam obrigados a ir à procura de alimento fora das cidades, e iriam para o campo, onde há predadores, que mantêm o equilíbrio da espécie.»

Sistemas antipombos

Quando começou a trabalhar nesta área, Vítor Malha começou por atender as solicitações de pessoas ligadas à preservação do património edificado, instalando sistemas de dissuasão em monumentos. «Foram as pessoas que se ocupam do património as primeiras a preocupar-se com as consequências dos excrementos dos pombos nos edifícios e monumentos. Entretanto, as outras pessoas começaram a tomar consciência de que os pombos são transmissores de várias doenças, doenças iguais às que são transmitidas pelos ratos, e começaram a querer defender os seus edifícios e as suas habitações. É preciso ver que os excrementos dos pombos, mesmo depois de secos, são transformados num pó que é levado pelo vento, o qual ao ser inalado pelos humanos pode originar graves problemas respiratórios.» Hoje em dia o técnico tem uma invejável carteira de clientes, que contempla entidades tão diversas como câmaras municipais, grandes empresas, fábricas, hotéis, museus, mas também proprietários de edifícios ou de andares, e até inquilinos. Quanto aos sistemas, a escolha é vasta e pretende responder a todo o tipo de necessidades: espigões em aço inox (como os que vemos nalgumas estátuas), sistemas electrostáticos que ligam e desligam através de impulsos de baixa amperagem (como é o caso daqueles instalados na Igreja de São Nicolau, no Teatro Nacional Dona Maria II ou na Estação do Rossio, em Lisboa), fio de aço inox que evita que os animais se instalem, redes de polietileno colocadas por exemplo em fechos de claustros, fechos de janelas de sinos nas torres sineiras, fechos de janelas comuns ou saguões, ultra-sons, sons ou ainda um sistema de pirâmide em espelhos, que trabalham com energia solar, rodando e oscilando, e encadeando as aves (usado principalmente nos campos agrícolas).

Demasiados e polígamos

Vítor Malha não duvida de que o nicho de mercado que encontrou resulta em muito da acção das pessoas que insistem em alimentar os pombos. «Na cidade de Lisboa, por exemplo, ninguém cumpre a lei municipal que proíbe que se alimentem os animais errantes. Penso que a maior parte são pessoas de idade. Muitas acreditam que nós queremos fazer mal aos animais, quando a verdade é que nós queremos tão-somente afastá-los, dissuadi-los. "Os pombos, coitadinhos", como essas pessoas dizem, transformaram-se num enorme problema, numa praga. Por outro lado, os pombos que eram monogâmicos deixaram de o ser e agora são polígamos, e há até quem acredite que alguns são já hermafroditas – li isso numa tese de Biologia que foi defendida na Universidade de Coimbra –, auto-reproduzindo-se, portanto.»

Fazer à maneira delas

Pão, milho, arroz, restos de comida, tudo serve para agir em nome da boa consciência dos alimentadores prevaricadores, que fazem da alimentação dos pombos uma profissão-de-fé de contornos delirantes. De tal forma que os pombais expressamente colocados pela câmara em lugares-alvo como é o caso da Praça do Martim Moniz, em Lisboa, mantêm-se a maior parte do tempo esvaziados de pombos, permanentemente atraídos que são para milhares de outros locais, onde há sempre comida para eles. «A câmara municipal fez uma campanha de sensibilização junto das juntas de freguesia», conta Vítor Malha, «pedindo às pessoas para não alimentarem as aves ou para irem regularmente aos serviços da câmara buscar milho anticoncepcional. Mas não resulta. As pessoas preferem fazer à maneira delas.» À sua maneira é também o que faz Olinda (nome fictício), senhora nos seus setentas e muitos, com poiso fixo num dos miradouros mais frequentados da velha Lisboa. Todos os dias espera pelo cair da tarde para ir dar de comer «aos pombinhos, coitadinhos», cuja colónia maior mora por ali perto, nos telhados de um bloco de casario degradado. Conta que desses telhados os pombos a vêem, convergindo em massa para junto dela, para debicar as migas de pão que Olinda entretanto preparou em casa. Fala comigo enquanto segura uma rosa na mão, «para oferecer à Nossa Senhora», confidencia cheia de contentamento. Olinda, que afirma conversar muito com «os pombinhos, coitadinhos», é apenas um pequeno elo de uma cadeia que se organiza segundo princípios que, embora vagos e misteriosos, escapam ao entendimento mais racional – como aliás à acção das tutelas.

Capturas tabu

Muitos apontam o dedo às câmaras municipais, que consideram insuficientemente empenhadas em resolver de forma cabal o problema do excesso de pombos nas cidades. Falta de empenho que decorrerá porventura de suborçamentações e pouca vontade política. A **nm** quis acompanhar uma brigada de captura, possibilidade que, apesar de nunca ter sido refutada pela Câmara Municipal de Lisboa (CML), acabou por não se concretizar, entre questões hierárquicas e contactos não-retribuídos. A CML faz evidentemente capturas (sem elas, não seria possível manter aceitável o número de pombos em Lisboa), segundo alguns usando métodos bárbaros (asfixia por amoníaco, fornos). Mas sobre isso ninguém se pronuncia com clareza e objectividade, decerto temendo retaliações por parte de uma camada não-negligenciável de eleitores, perante os quais jamais assumirão a mais impopular de todas as medidas de controlo a que são obrigadas: a captura e eliminação regular de aves (cerca de 16 mil aves capturadas em 2007, dados do Serviço de Controlo de Pragas da CML). Acção oculta e brutal (noutras cidades os pombos capturados são levados para zonas rurais suficientemente distantes para não voltarem e largados na natureza), que mereceria talvez uma outra abordagem e métodos – a par de campanhas de sensibilização suficientemente esclarecedoras e penalizadoras, passíveis de inibir práticas culturais profundamente enraizadas em algumas camadas da população. As tais que ao longo desta reportagem foram lembrando que quando Deus criou o mundo criou também os pombos. Certíssimo, porém, na Arca de Noé, que se saiba, apenas havia um casal de pombos...

Guerra de nervos

Na Avenida General Roçadas, entre a Paiva Couceiro e Sapadores, que aqui serve de paradigma ilustrador do conflito generalizado (trata-se de uma das zonas consideradas mais problemáticas), a guerrilha é constante. Uma guerra de nervos que atravessa a totalidade da rua, apesar de alguns focos de maior irritação. Os lojistas queixam-se: os carros deles e dos fornecedores não podem ficar estacionados debaixo das árvores mais de cinco minutos sem ficarem sujos, o passeio está sempre cheio de sacos de plástico com alimento, as caixas dos ares condicionados têm de ser protegidas com rede, e há até uma esplanada onde nem sempre se pode estar, já que por cima alguém se obstina da varanda a lançar comida aos pombos... Perigosa de atravessar como uma estrada nacional, com um tráfego automóvel constante mesmo ao domingo, a General Roçadas surge-nos como um fosso, na circunstância o de Astérix, onde de um lado e de outro se empunham argumentos inconciliáveis. Numa das extremidades da rua, num terreno baldio, no que resta do piso térreo de uma casa entretanto demolida (as divisões da casa perfeitamente definidas no chão de mosaicos e onde ainda se podem ver as bocas de canalização), várias dezenas de pombos bebem água de garrafas de plástico cortadas, ali deixadas por senhoras da brigada a que pertencem também Etelvina ou Olinda. Talvez ali morasse alguém com significado abastecedor para os pombos.

Mais informação

Câmara Municipal de Lisboa
> Higiene Urbana e Resíduos Sólidos: dhurs@cm-lisboa.pt
> Linha de Atendimento ao Munícipe: 213253555

Sistemas dissuasores de poiso [Vítor Malha]
> www.dissuasoresdepombos.com.pt

LUÍSA COSTA GOMES, responsável pela Divisão de Higiene e Controlo Sanitário do Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos da Câmara Municipal de Lisboa (que inclui o Serviço de Controlo de Pragas), explicou as linhas gerais da política de controlo de pombos em Lisboa.

«Há uma enorme falta de colaboração das pessoas»

CLÉMENT DARRASSE

Quais as principais medidas do programa camarário de controlo da população de pombos em Lisboa?
Foi replicada uma metodologia já utilizada nalgumas cidades europeias e que consiste, em traços gerais, na identificação dos locais mais problemáticos, quer pelo número de reclamações que recebemos dos residentes nas respectivas áreas quer por avaliação no terreno, feita pelos nossos técnicos. Feito um mapa desses locais, procede-se a uma habituação das aves com a distribuição diária de milho, o que permite fixar os animais, fazer a sua contagem e, em função desses censos, efectuar capturas quando tal é necessário. Durante as épocas de reprodução [180 dias por ano, em duas acções de 90 dias, correspondentes às épocas de postura – nos meses de Abril, Maio e Junho – e nos meses de Setembro, Outubro e Novembro], o milho simples é substituído por milho com contraceptivo oral [progesterona a 0,01 por cento], para controlar a taxa de reprodução das aves, o que permite evitar as capturas.
Quais as zonas consideradas problemáticas?
Rossio, Praça da Figueira, Martim Moniz, Restauradores, Praça Paiva Couceiro, algumas zonas da Ajuda, Campo de Ourique junto à igreja, locais onde há munícipes que habitualmente alimentam os pombos.
Esse é porventura o maior dos obstáculos. Refiro-me aos munícipes que persistentemente agem por oposição às acções de controlo.
Sem dúvida. Quando distribuímos milho com contraceptivo fazemo-lo de acordo com a contagem de aves previamente feita, de maneira a assegurar que elas ingiram 30 a 35 gramas de milho com contraceptivo por dia. Acontece que essas pessoas que se dedicam a alimentar os pombos passam antes de nós, algumas de carro, e alimentam as aves com milho comum. Depois as aves não comem o milho contraceptivo distribuído por nós. E temos dificuldade em controlar a acção dessas pessoas que alimentam as aves porque que o nosso milho não é bom para elas. Mas esse milho não faz mal às aves, a única coisa que faz é inibir a reprodução.
Talvez essas pessoas guardem na memória a visão de praças cheias de pombos moribundos, mortos com milho envenenado, o chamado milho roxo, que em tempos idos era pontualmente usado para controlar o número de pombos nalguns locais de grande concentração de aves em Lisboa, caso do Largo de São Paulo, junto ao Cais do Sodré.
Já não fazemos esse tipo de intervenção. Fazemos sim a habituação ao milho com contraceptivo, com o objectivo de torná-los estéreis.
Fazem também capturas regulares de aves.
Sim, de vez em quando fazemos capturas, porque é a única maneira de reduzir a população. O controlo da reprodução não chega...
A que atribui esse comportamento por parte das pessoas que persistem em alimentar os pombos, apesar de saberem que isso vai contra a política preconizada pela câmara – e que estão inclusive sujeitas a coimas?
Àquele amor desmesurado pelos animais, que acaba por ser contraproducente para os próprios animais. Essas práticas provocam crescimentos anómalos na população de aves, e também a não eliminação natural dos mais fracos, para não falar da conspurcação do espaço público e da proliferação de microrganismos, com consequências para as pessoas. Mas, por mais que se explique, essas pessoas não aceitam a acção da câmara.
Quem são essas pessoas?
A maior parte idosos, mas não no caso das pessoas que são avistadas a conduzir as viaturas. Temos um programa de captura, esterilização e recolocação de gatos, mas há pessoas que não aderem, porque pensam que nós queremos matar os gatos. Em consequência, em vez de termos gatos saudáveis, vacinados e com uma população controlada, temos colónias enormes de gatos doentes, muitos não esterilizados, e que se reproduzem descontroladamente pela cidade.
Há um problema de comunicação entre a câmara e esses munícipes. Talvez justifique uma campanha de sensibilização agressiva, com informação contundente sobre a questão.
Talvez, sim. Não somos contra os pombos nem pretendemos acabar com os pombos em Lisboa, mas as pessoas têm de compreender que é preciso controlá-los. Há pessoas que nos enviam *e-mails* a pedir que acabemos com os pombos todos, chamando-lhes ratos com asas, algumas mensagens até agressivas. Nós não temos uma política de extermínio. Temos o cuidado de constantemente avaliar o estado de saúde das aves e de manter a população dentro de níveis ecologicamente aceitáveis. Mas esse trabalho não é fácil, porque as pessoas não colaboram e agem de forma a desviar os pombos dos locais de poiso habituais, o que prejudica enormemente o nosso programa.
O programa prossegue independentemente das denúncias e queixas dos munícipes?
Sistemática e constantemente. Diariamente é feita a distribuição de milho, são diariamente avaliados os locais, periodicamente é feito o censo da população, é diariamente avaliada a situação no que diz respeito a imóveis, porque todos os dias se descobrem novos locais. Acrescido a esse trabalho diário, há as respostas individuais às pessoas que nos apresentam reclamações, ou denúncias, ou sugestões. Regularmente fazemos a distribuição de folhetos informativos nas zonas mais problemáticas. Fizemos campanhas de sensibilização de rua, mas observámos que as pessoas são pouco sensíveis... Procuramos identificar quem alimenta os pombos e fazer uma sensibilização junto delas, por vezes individualmente. Conseguimos identificar essas pessoas, até por via de denúncias dos vizinhos, que muitas vezes ficam aborrecidos e acabam por denunciá-las. Abordamos essas pessoas, que são depois notificadas, solicitando a câmara que cessem a alimentação das aves. Quando não cumprem pedimos à Polícia Municipal para as notificar no sentido de dissuadi-las. Por vezes conseguimos, outras não... há pessoas que são absolutamente incorrigíveis. Algumas fazem a distribuição de alimento de carro, por várias zonas da cidade. Já identificámos algumas, sabemos quem são. Há zonas de Lisboa em que há pessoas que todos os dias distribuem vários quilos de milho, criando pombais enormes onde não os havia. Nós bem tentamos fazer a habituação ao nosso milho, para tentar equilibrar, mas há que m passe antes de nós, e como os pombos gostam mais do milho que elas lhes dão...
A questão dos pombos nas cidades é um problema que não é novo, ao qual têm correspondido políticas mais ou menos agressivas e orçamentos maiores ou menores, e que contudo em Lisboa não consegue taxas de sucesso aceitáveis. O que não corre bem?
Há uma enorme falta de colaboração das pessoas. Culturalmente, as pessoas têm o hábito de alimentar as aves. É também o caso das pessoas que vendem nos centros comerciais e lojas do Martim Moniz, onde aliás instalámos um pombal, sem sucesso. Aí, quando precisamos de fazer captura, pedimos a colaboração da Polícia Municipal, e tem de ficar um agente toda a noite, caso contrário há pessoas que os alimentam de madrugada, e quando lá chegamos os pombos nem chegaram a entrar, porque já comeram noutro lugar ali ao pé. Tivemos um problema na cafetaria do Museu de Arte Antiga, as pessoas davam comida aos pombos, e basta dar uma vez ou duas para eles voltarem. Tentávamos fazer a habituação ao nosso milho no jardim ao lado, mas os pombos não apareciam. Eles têm rações disponíveis em todos os pontos da cidade.
Há depois as fezes dos pombos, muitíssimo corrosivas e danificam irreversivelmente o património edificado – para não falar dos carros.
São corrosivas, estão cheias de microrganismos, e há também os ectoparasitas das penas, muito prejudiciais em termos de alergias. Quando fazemos as capturas enviamos os animais para análise no Laboratório Nacional de Investigação Veterinária, e não temos tido notícias de microrganismos preocupantes do ponto de vista da saúde pública. Controlamos o estado de saúde dos pombos e procuramos evitar a conspurcação do espaço público, limpando e colocando repelentes de poiso (picos ou rede). Procuramos identificar os imóveis abertos e abandonados, notificando os proprietários para procederem à limpeza, desinfestação e à oclusão dos vãos, janelas, por forma a evitar a criação de pombais a funcionar fora do nosso controlo. A maior parte são edifícios particulares, pelo que não lhes temos acesso.
Os sistemas antipombo são da responsabilidade da CML? Ou no caso dos edifícios particulares essa é uma tarefa dos seus proprietários?
Nós não colocamos, damos aconselhamento. Por exemplo, a Faculdade de Medicina tinha problemas de poiso, colocaram um fio electrostático, semelhante ao que havia nas estátuas do Rossio, um fio que tem uma corrente electromagnética muito baixa mas que incomoda os pombos o suficiente para os dissuadir de ali poisar. É um sistema eficaz mas caro. Não esperamos que os proprietários dos imóveis façam essa despesa, mas damos aconselhamento para intervenções baratas. Por vezes são coisas muito simples que podem ser feitas sem custos relevantes. Infelizmente os proprietários nem sempre são nossos parceiros neste programa.«